

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO LATU SENSU EM DOCÊNCIA
NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Márcia Valéria Mendes dos Santos

**EDUCAÇÃO INFANTIL E ARTES VISUAIS:
POSSIBILIDADES CRIATIVAS PARA AS CRIANÇAS
DE HORÁRIO INTEGRAL**

BELO HORIZONTE
2015

Márcia Valéria Mendes dos Santos

**EDUCAÇÃO INFANTIL E ARTES VISUAIS:
POSSIBILIDADES CRIATIVAS PARA AS CRIANÇAS
DE HORÁRIO INTEGRAL**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em Docência na Educação Infantil, pelo Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Educação Infantil, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Marina Marcondes Machado

Belo Horizonte
2015

Márcia Valéria Mendes dos santos

**EDUCAÇÃO INFANTIL E ARTES VISUAIS:
POSSIBILIDADES CRIATIVAS PARA AS CRIANÇAS
DE HORÁRIO INTEGRAL**

Trabalho de conclusão de curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em Docência na Educação Infantil, pelo Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Educação Infantil, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Marina Marcondes Machado

Aprovada em 28 de novembro de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Marina Marcondes Machado (Escola de Belas Artes/UFMG)

Aroldo dias Lacerda (Universidade FUMEC)

AGRADECIMENTO

Um agradecimento especial a Deus, fonte de todo o conhecimento e que me guiou nesta trajetória.

Aos familiares, principalmente meus filhos, Mariana e Marcelo, pelo apoio incondicional, paciência e incentivo.

À minha amiga Priscilla Moraes, que se empenhou para que pudéssemos participar desta turma do DOCEI, à Emanuela Noronha e Maria Bethânia pela amizade e companheirismo.

À professora Marina Marcondes Machado pela orientação, paciência e aprendizado.

Aos coordenadores do DOCEI, Ademilson Soares (meu querido professor Paco), Sandro Vinícius e Ricardo, pelo empenho em nos proporcionar uma especialização de qualidade.

E principalmente às crianças da UMEI São João Batista e seus pais, por confiarem no meu crescimento acadêmico e profissional.

Toda criança é artista. O problema é como permanecer artista depois de crescer.

Picasso

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso laborou experiências em artes visuais com as crianças na Educação Infantil, das turmas do integral (berçário, um e dois anos). A pesquisa surgiu da dificuldade e desconhecimento de como trabalhar as artes visuais nas turmas do integral de uma UMEI, e teve como objetivo investigar, analisar e criar novas possibilidades de trabalho com este importante tema. O trabalho apresentado é um relato de experiências com pesquisa bibliográfica e os resultados mostram que as artes visuais, presentes desde cedo no contexto escolar das crianças, trazem, de maneira lúdica, o tirocínio e o trabalho em equipe, fazendo-se necessária a sensibilização dos educadores para despertar a conscientização das possibilidades que oferecem para o saber das crianças menores.

Palavras-chave: Artes visuais. Educação Infantil. Relato de experiência.

ABSTRACT

This Course Completion Assignment conducted an experiment in visual arts with children from childhood education, from the full time classes (nursery, one and two years old). The research came from the difficulty and lack of knowledge of how to work the visual arts inside full time classes of an UMEI, and aimed to investigate, analyze and create new possibilities to work with visual arts. This course completion assignment is an experience report with bibliographic research. The results shows that the visual arts, early adopted by children in the school context, brings a ludic manner of learning and team working, making educator's sensibility necessary to raise awareness of the possibilities that the visual arts offers to small children's knowledge.

Keywords: Visual arts. Childhood education. Experience report.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| FIGURA 1: O mapa das artes visuais das turmas de integral | 20 |
| FIGURA 2 e 3: As bolinhas de gude | 24 |
| FIGURA 4: Riscos e rabiscos..... | 25 |
| FIGURA 5 e 6: Brincando com cordões e pregadores | 25 |
| FIGURA 7 e 8: Teatralidades | 26 |
| FIGURA 9: Quando a imaginação toma forma..... | 27 |
| FIGURA 10 e 11: Desenho com interferência | 27 |
| FIGURA 12: Espacialidades..... | 28 |
| FIGURA 13: Descobrimo novas texturas..... | 29 |
| FIGURA 14, 15,16 e 17: Garatujas artísticas | 29 |
| FIGURA 18 e 19: Cores e sabores..... | 30 |
| FIGURA 20, 21, 22, 23 e 24: Para além da experimentação | 31 |
| FIGURA 25: Diversão e arte..... | 31 |

SUMÁRIO

| | | |
|-------|--|----|
| 1 | Introdução | 10 |
| 1.1 | Breve Memorial..... | 10 |
| 1.2 | A Espacialidade da UMEI | 11 |
| 1.3 | Justificativa | 13 |
| 1.4 | Fundamentação Teórica | 15 |
| 1.4.1 | O mapa das artes para as crianças das turmas de integral | 18 |
| 1.4.2 | Sequência Didática | 21 |
| 2 | O Diário de Bordo: Fazendo arte para aprender | 22 |
| 3 | Considerações Finais | 33 |
| | Referências Bibliográficas | 36 |

1 INTRODUÇÃO

1.1 Breve Memorial

O que dizer da minha vida escolar...

Minhas lembranças são tão fragmentadas, perdidas em meio a muitas dificuldades e conquistas...

Meu nome é Márcia Valéria Mendes dos Santos, tenho 41 anos, sou viúva e mãe de dois filhos maravilhosos, Mariana Malta, minha filha mais velha, hoje com dezoito anos e Marcelo Francisco, meu filho caçula com nove anos.

Minha trajetória escolar começou em 1980, quando completei 7 anos de idade. Fui matriculada na então 1ª série do primeiro grau na Escola Municipal Antônio Gomes Horta, em Venda Nova, estudando até a 3ª série do primeiro grau. Nesta escola fui muito feliz! Trago em minhas lembranças os nomes e as feições das professoras que tive lá: Maria das Graças e Conceição.

Cursei da 4ª série do primeiro grau ao 1º ano do segundo grau na Escola Estadual Coronel Manoel Soares do Couto. Nesta escola vivi muitas experiências, algumas boas e outras ruins. Às vezes quando chovia, tínhamos que juntar as turmas, pois o telhado era precário e chovia “literalmente” dentro da sala; o mobiliário era escasso e às vezes tínhamos que dividir as carteiras.

Meu primeiro fracasso escolar aconteceu no 1º ano do 2º grau, quando fui reprovada. Nesta época eu já trabalhava e não dei conta de conciliar meus horários de trabalho e estudo e, com minha imaturidade, abandonei os estudos.

Depois de muitos anos, de goros e realizações em minha vida pessoal, decidi voltar a estudar. Precisava terminar o Ensino Médio para conseguir uma vaga de assistente de alunos (disciplinária) em uma escola de classe média alta em Belo Horizonte.

Ingressei na EJA (Educação de Jovens e Adultos) no CESEC Maria Vieira Barbosa, e conclui, em 2007, o Ensino Médio.

Muito animada com os estudos e apaixonada com o ambiente escolar que meu novo emprego estava me proporcionando, decidi dar continuidade aos estudos por conta própria para tentar o Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) do ano de 2008.

No início deste mesmo ano, recebi de presente do coordenador do 3º ano do Ensino Médio da escola onde trabalhava uma caixa de apostilas, que li “religiosamente” todos os dias daquele ano.

No final de 2008 participei das provas do ENEM e fui muito bem classificada. Matriculei-me no curso de Pedagogia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC/MG) pelo PROUNI com bolsa de 100%. Formei-me pedagoga em dezembro de 2012.

Em 2013 participei do concurso para Professor de Educação Infantil ofertado pela Prefeitura de Belo Horizonte, mais uma vez tudo certo! Fui chamada para tomar posse em fevereiro de 2014.

Ao final de 2014, surgiu uma oportunidade única: uma professora que trabalhava na mesma UMEI que leciono trouxe a informação da seleção para a formação de uma turma em pós-graduação na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), voltada para a Docência na Educação Infantil (DOCEI). Passei por este processo de seleção e estou aqui, contando um pouco da minha história e quem sou para produzir uma monografia capaz de amenizar alguns conflitos que ainda pairam em minhas práticas cotidianas no ambiente da sala onde atuo como docente na Educação Infantil.

1.2 A especialidade da UMEI

Atualmente estou professora para a Educação Infantil na UMEI São João Batista, situada na Rua Professor Aimoré Dutra 253, São João Batista.

Esta UMEI pertence à Regional Venda Nova e foi inaugurada oficialmente em dezembro de 2014, apesar de já funcionar desde 26 de fevereiro do mesmo ano. Tomei posse nesta instituição em 20 de fevereiro de 2014.

A UMEI São João Batista atende cerca de trezentos e setenta crianças distribuídas em dois turnos: 167 crianças pela manhã, 165 crianças à tarde e 38 crianças até dois anos que permanecem em horário integral (de 07h00min às 17h20min).

O corpo docente é composto por quarenta e um professores, uma vice-diretora, uma coordenadora que atende nos dois turnos, duas coordenadoras de turno (manhã e tarde) e três apoios de coordenação.

Ainda fazem parte do quadro de funcionários da escola: quatro faxineiras, seis cantineiras, dois porteiros, dois vigias, um auxiliar de secretaria, três auxiliares de turma (cargo criado pela SMED, responsável pelo cuidado e higiene das crianças, como banho e troca de fraldas), três monitores de inclusão, duas de manhã e uma à tarde, totalizando vinte e um funcionários administrativos.

O espaço físico da escola se apresenta da seguinte forma:

- Primeiro andar é constituído de quatro salas de aula, três turmas de integral, berçário um ano e dois anos, e uma sala de horário parcial (07h00min às 11h30min) de crianças de dois anos. Há ainda uma brinquedoteca e vídeo, a sala da direção e coordenação, a sala da secretaria, o refeitório, a cozinha, três banheiros para criança com chuveiro, fraldário e um banheiro adaptado, dois banheiros para funcionários, uma lavanderia, uma dispensa, elevador e hall de entrada.
- No segundo andar são oito salas de aula, três banheiros infantis e a sala de professores com um banheiro.
- As áreas externas são constituídas por dois parques gramados contendo brinquedos variados, arena para teatro, horta e estacionamento.

A sala de aula dos menores de três anos não possui mesas e cadeiras (exceto a de dois anos parcial). Há um espelho grande e redondo, um tapete, um armário e

estante onde guardamos as mochilas das crianças. Possui também um trocador e uma pia para a higienização das crianças. A sala do berçário tem o dormitório com doze berços; a sala de estimulação possui um tapete bem grande, armário, cadeiras para as refeições (a alimentação das crianças do berçário acontece na própria sala de estimulação), carrinhos e pia para a higienização.

O Projeto Político Pedagógico ainda não foi escrito, mas existe uma organização do trabalho didático: o trabalho pedagógico da instituição é realizado de acordo com as proposições curriculares para a Educação Infantil, priorizando o cuidar e o brincar. O Planejamento das ações é realizado mensalmente nas reuniões pedagógicas com a participação dos professores, coordenação pedagógica e direção.

1.3 Justificativa

A presente pesquisa tem por finalidade investigar, analisar e criar novas estratégias para o ensino das Artes Visuais para crianças na Educação Infantil, em especial as turmas do integral (berçário, um e dois anos).

A necessidade de realizar esta pesquisa surgiu da dificuldade e desconhecimento de como trabalhar as Artes Visuais nas turmas do integral de uma UMEI. Mediante observação da prática docente ficou evidente que os profissionais que lá atuam, possuem concepções e metodologias equivocadas a respeito das artes visuais na sua prática pedagógica. Senti então a necessidade de pesquisar o tema, na tentativa de esclarecer e elucidar a verdadeira contribuição da arte na Educação Infantil na formação da criança pequena, levando educadores/as a repensarem suas práticas. Sempre houve e, ainda há uma grande distorção em relação ao ensino da arte na Educação Infantil. Minha pesquisa caracteriza-se como relato de experiência com fundo etnográfico.

Em minha prática observo que o ensino da arte nas turmas do integral é, em grande escala, produção de trabalhos manuais, enfeites em dias de festas ou datas comemorativas, e como passatempo. O ensino da arte na Educação Infantil tem como objetivo a construção e aquisição de conhecimento. Por meio das atividades de arte a criança consegue se expressar. Entretanto, também se torna necessário

mostrar-lhe alternativas, perspectivas e concepções: a arte como coautora da nossa sociedade - ampliando, assim, a experiência entre o real e o imaginário, do comparativo e do demonstrativo da realidade humana. Quando a criança trabalha com as mãos, aprende e apreende o mundo; vê, manipula, modifica, constrói e desconstrói, observando, mas, sobretudo criando.

A presença das Artes Visuais na educação infantil, ao longo da história, tem demonstrado um descompasso entre os caminhos apontados pela produção teórica e a prática pedagógica existente. Em muitas propostas as práticas de Artes Visuais são entendidas apenas como meros passatempos em que atividades de desenhar, colar, pintar e modelar com argila ou massinha são destituídos de significados. Outra prática corrente considera que o trabalho deve ter uma conotação decorativa, servindo para ilustrar temas de datas comemorativas, enfeitar as paredes com motivos considerados infantis, elaborar convites, cartazes e pequenos presentes para os pais etc. Nessa situação, é comum que os adultos façam grande parte do trabalho, uma vez que não consideram que a criança tem competência para elaborar um produto adequado. (BRASIL, 1998, vol. 3, p. 87).

Esta pesquisa pretende contribuir para uma melhor análise do desenvolvimento da criança por meio do ensino das Artes Visuais no âmbito escolar, proporcionando melhora nas capacidades artísticas, psicomotoras, sensoriais, criativas, emocionais e cognitivas. Através das cores, tintas, músicas e texturas as crianças se vêm diante da experimentação. Experimentar! Como é importante o significado desta palavra que, segundo o dicionário, significa: “Realizar experimento ou experiência; pôr em prática, executar; tentar empreender; submeter a provas morais; conhecer pela experiência”. (FERREIRA, 2004, p. 389)

São minhas principais indagações: Quais as especificidades do trabalho com artes visuais na EI na perspectiva dos documentos oficiais e dos/as teóricos/as desse campo de estudos? Qual o lugar das artes visuais na EI? Como ampliar o trabalho com as artes visuais nas turmas do integral de uma UMEI?

Os objetivos propostos foram: investigar, analisar e criar novas possibilidades de trabalho com artes visuais nas turmas do integral de uma UMEI; principalmente as crianças das turmas de integral (turmas de berçário, um e dois anos), identificar as especificidades do trabalho com artes visuais na Educação Infantil na perspectiva dos documentos oficiais e dos/as teóricos/as desse campo de estudos.

Pretendo compreender a importância das artes visuais no desenvolvimento infantil e qual o seu papel na educação, instigar as crianças menores a terem um maior contato com o mundo cultural, e apresentar-lhes os benefícios que as artes proporcionam, bem como expor os desafios que o educador encontra para desenvolvê-la em sua prática docente.

1.4 Fundamentação teórica

A arte é, segundo as diretrizes curriculares para a Educação Infantil, uma linguagem; uma forma de expressão e comunicação humana e tem papel fundamental, envolvendo os aspectos criativos, cognitivos, sensíveis e culturais. Isso já é suficiente para que se justifique sua presença na vida escolar das salas de aula das turmas de horário integral da Educação Infantil. Estamos em processo de construção de um novo olhar para alcançar melhorias das capacidades criativas, competências das crianças e superar o que ainda está enraizado em nossa prática educativa.

Os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil estão contidos em três volumes (1998, vol. 1, 1998, vol. 2, 1998, vol. 3). Ali, a educação das crianças deve propiciar o acesso a elementos culturais que contribuem para o desenvolvimento e para a interação das mesmas na sociedade. Somente um processo educacional embasado na interação social poderá contribuir para a construção da identidade do indivíduo, pois se fundamenta no desenvolvimento afetivo, emocional e cognitivo. O terceiro volume do documento, denominando “Conhecimento de Mundo”, está organizado por eixos de trabalho, sendo estes: Linguagem Oral e Escrita, Movimento, Natureza e Sociedade, Matemática, Música e Artes Visuais. Apresenta como foco de estudo a arte, nas suas diferentes linguagens; explorarei aqui o eixo: “Artes Visuais”.

O ensino das Artes Visuais na Educação Infantil deve ser aceito como uma linguagem com estrutura e característica próprias, cuja aprendizagem acontece por meio dos seguintes aspectos, de acordo com o RCNEI em BRASIL (1998):

Fazer artístico-centrado na exploração, expressão e comunicação de produção de trabalhos de arte por meio de práticas artísticas, propiciando o desenvolvimento de um percurso de criação pessoal; Apreciação — percepção do sentido que o objeto propõe, articulando- o tanto aos

elementos da linguagem visual quanto aos materiais e suportes utilizados, visando desenvolver, por meio da observação e da fruição, a capacidade de construção de sentido, reconhecimento, análise e identificação de obras de arte e de seus produtores; Reflexão — considerada tanto no fazer artístico como na apreciação, é um pensar sobre todos os conteúdos do objeto artístico que se manifesta em sala, compartilhando perguntas e afirmações que a criança realiza instigada pelo professor e no contato com suas próprias produções e as dos artistas. (BRASIL, 1998, vol. 3, p.89)

De acordo com os RCNEI, o mundo na Educação Infantil é repleto de símbolos e significados que possibilitam grandes descobertas. A arte possibilita o desenvolvimento de atitudes essenciais para o indivíduo em formação como o senso crítico, a sensibilidade e a criatividade. A arte faz parte da vida da criança como instrumento de leitura de si mesma e do mundo no qual está inserida. É no processo de aprendizagem em Artes Visuais que a criança exterioriza seu mundo interno, sua personalidade, seu modo de ver e de sentir as coisas. Ela traça um percurso de criação e construção individual que envolve escolhas, experiências pessoais, aprendizagens, relação com materiais e sentimentos. A criação é exclusividade das crianças; cabe ao professor alimentar esse percurso de forma intencional, oferecendo materialidade, propostas e experiências variadas.

As crianças têm suas próprias impressões, ideias e interpretações sobre a produção de arte e o fazer artístico. Tais construções são elaboradas a partir de suas experiências ao longo da vida, que envolvem a relação com a arte, com o mundo dos objetos e com seu próprio fazer. As crianças exploram, sentem, agem, refletem e elaboram sentidos de suas experiências. A partir daí constroem significações sobre como se faz, o que é, “para que serve” e outros conhecimentos a respeito da arte. É no fazer artístico e no contato com os objetos de arte que parte significativa do conhecimento em artes visuais acontece. Há a necessidade de se incorporar na educação das crianças, sentidos, sonhos, expressão própria e criação, matérias com as quais se constrói a arte, seja como artista ou espectador:

As artes visuais expressam, comunicam e atribuem sentido a sensações, sentimentos, pensamentos e realidade por meio da organização de linhas, formas, pontos, tanto bidimensional como tridimensional, além de volume, espaço, cor e luz na pintura, no desenho, na escultura, na arquitetura, nos brinquedos, bordados, entalhes, etc. (BRASIL, 1998, vol. 3, p. 85).

A Importância das Artes Visuais na Educação Infantil não seria apenas a da beleza estética, mas na capacidade da criança de produzir e criar segundo suas habilidades

e seu olhar para o mundo. Desde os primeiros anos de vida as crianças já se interessam em produzir seus primeiros rabiscos e, no decorrer do tempo, esses rabiscos transformam em formas definidas, geralmente associadas ao cotidiano da criança. Ao mesmo tempo em que desenham ou criam objetos também brincam de faz de conta, expressando suas figuras imaginárias. Neste contexto, vale ressaltar a afirmação do RCNEI em BRASIL (1998):

As crianças têm suas próprias impressões, ideias e interpretações sobre a produção de arte e o fazer artístico. Tais construções são elaboradas a partir de suas experiências ao longo da vida, que envolvem a relação com a produção de arte, com o mundo dos objetos e com seus próprios fazer. As crianças exploram, sentem, agem, refletem e elaboram sentidos de suas experiências. (BRASIL, 1998, vol. 3, p. 89).

Em síntese, de acordo com o RCNEI, a aprendizagem com base em atividades artísticas na Educação Infantil deve garantir oportunidades para que as crianças menores (como nesta pesquisa, crianças de 0 a 3 anos), que permanecem todo o decorrer do dia na escola, ampliem seus conhecimentos na manipulação de diversos objetos e materiais, de forma que explorem suas características e propriedades, integrando, neste processo ativo com a comunicação e a expressão da criança. Incluir a arte no processo de ensino destas crianças é fundamental para que elas desenvolvam suas capacidades criativas.

O desenho, a teatralidade, a pintura, a colagem, a modelagem e outras atividades plásticas têm um papel fundamental na formação das crianças e requerem importantes considerações para que sejam valorizadas desde o início da vida escolar, especialmente para as crianças menores. A escola é um espaço privilegiado, onde a estimulação, a exploração, a experimentação e a valorização das produções infantis devem acontecer:

Quando a criança pinta, desenha, modela ou constrói regularmente, a evolução se acelera. Ela pode atingir um grau de maturidade de expressão que ultrapassa a medida comum. Por outro lado, a criação artística traz a marca de uma individualidade, provoca libertação de tensões e energias, instaura uma disciplina formativa, interna de pensamento e de ação que favorece a manutenção do equilíbrio tão necessário para que a aprendizagem se processe sem entraves, e a integração social sem dificuldades (BESSA, 1972, p. 13).

Ofertar às crianças diversidade de materiais, suportes em tamanhos, cores e texturas variadas, técnicas diversas, bem como desafios que venham favorecer o crescimento intelectual das crianças é tarefa indispensável aos professores; e como professora generalista que sou, assumo minha fragilidade diante do ensino das artes visuais.

Entendo que trabalhar com artes visuais na Educação infantil é desenvolver e propor experiências táteis e plásticas a partir de movimentos livres e expansivos, experimentações de cores variadas, sons, texturas e cheiros, a fim de aprimoramentos de coordenação motora, além de proporcionar momentos prazerosos de relaxamento, criatividade e aprendizagem sobre as possibilidades e variações de uso dos materiais oferecidos.

É importante que nós, professoras da educação infantil, tenhamos a percepção de que por meio da arte as crianças ampliarão suas expressões e linguagens. Ao buscarmos maneiras de estimular a percepção e o processo criativo da criança, estaremos favorecendo o interesse e o gosto pelas artes; e estimulando a curiosidade e o contato com materiais diferenciados, com vistas a ampliar o conhecimento e possibilitar a exploração de linguagens visuais produzindo, “lendo” imagens e, assim, favorecendo a sensibilidade artística, considerando que estas crianças já trazem uma bagagem cultural do seu meio familiar e da comunidade onde vivem.

1.4.1 O Mapa das artes visuais para as crianças das turmas de horário integral

Durante uma das orientações foi sugerida pela professora Marina Marcondes Machado a criação de um “Mapa das Artes Visuais”, baseado em seu mapa do brincar, para organizar minha linha de pensamento. A criação do Mapa das Artes Visuais para as crianças das turmas de integral possibilitou compreender e ataviar meus pensamentos.

Para tal, utilizei e me apropriei das palavras-chave: mundainiedades; outridades; corporalidades; temporalidades; espacialidades; oralidades; linguisticidades; artes. Compreendo essas palavras do seguinte modo:

- ✓ Mundainidades: reconhecer a criança como um sujeito que pensa e que vive num mundo relacional e cultural.
- ✓ Outridades: entender com quem as crianças relacionam-se culturalmente (família, escola, vizinhos,etc.).
- ✓ Corporalidades: as artes visuais estão no corpo das crianças? Como elas se movimentam? Como se apropriam dos materiais?
- ✓ Temporalidades: por quanto tempo e por quantas vezes as crianças se relacionam com as artes visuais? Como vivem a duração da proposta e as rotinas diárias?
- ✓ Oralidades e linguisticidades: ampliar e enriquecer o vocabulário artístico e cultural da criança.
- ✓ Arte: fazer relações das artes visuais com as crianças e entender como o adulto a percebe e, com isso, ofertar novas propostas para a ampliação do trabalho nas turmas de integral da educação infantil.

Segue a imagem do Mapa das Artes Visuais criado por mim:

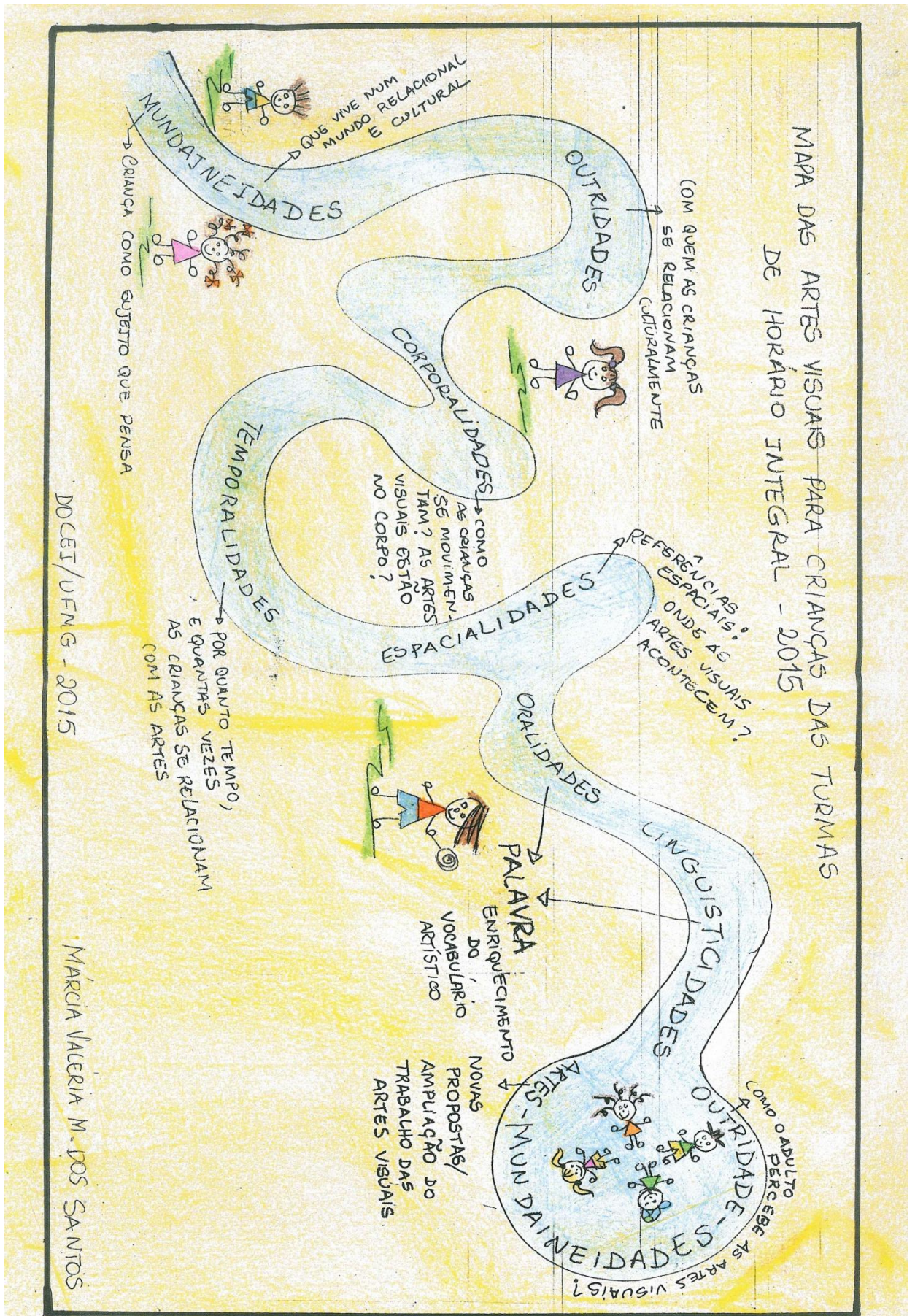


Figura 1: O mapa das artes visuais das turmas de integral

1.4.2 Sequência didática

Para esta pesquisa, pensei em oito encontros, dentro do que foi possível de acordo com a materialidade ofertada e os espaços cedidos para desenvolver as atividades propostas em artes visuais para as crianças das turmas do integral.

Foram divididas em:

Sugestões de atividades para o berçário:

- Pintura com mingau e corante comestível.
- Desenho de giz de legumes em papel sulfite tamanho A3.

Sugestão de atividades para a turma de um ano:

- Pintura na parede de azulejo.
- Textura em lixa e giz de cera.

Sugestão de atividades para a turma de dois anos:

- Desenho com interferência de tinta e bolinhas de gude grandes de tinta guache.
- Desenho com caneta porosa preta sobre o americano cru.
- Desenho com interferência em papel 60 kg.
- Desenho livre no chão usando giz colorido de quadro negro.

| Planejamento da Sequência Didática | | | | | | | | |
|------------------------------------|------------------|------------------|------------------|------------------|------------------|------------------|---|--|
| Turmas | Junho (09/06) | Junho (11/06) | Junho (16/06) | Junho (18/06) | Junho (23/06) | Junho (25/06) | Junho (29/06) | Junho (07/07) |
| Berçário | | | | | | | Desenho com giz de legumes em papel sulfite A3. | Pintura com mingau e corante comestível. |

| | | | | | | | | |
|---------------------|--|--|---|--|--------------------------------|-------------------------------|--|--|
| Turmas de um ano | | | | | Textura em lixa e giz de cera. | Pintura na parede de azulejo. | | |
| Turmas de dois anos | Desenho com interferência de tinta e bolinhas de gude grandes de tinta guache. | Desenho com caneta porosa preta sobre o americano cru. | Desenho com interferência em papel 60 kg. | Desenho livre no chão usando giz colorido de quadro negro. | | | | |

2 O DIÁRIO DE BORDO: FAZENDO ARTE PARA APRENDER

No ano de 1996 a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9.394/96 tornou obrigatório o ensino de Arte na educação básica. Para auxiliar os professores e, tendo em vista o cumprimento das determinações da nova LDB, foram criados os Parâmetros Curriculares Nacionais em 1997. Nos Referenciais Curriculares Nacionais, as artes visuais envolvem: desenho, pintura, colagem, gravura, escultura, fotografia, desenho no computador, vídeo, cinema, televisão e outros.

O pensamento da criança está organizado nos RCNEI em BRASIL (1998), deste modo:

A criança como todo ser humano, é um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico. É profundamente marcada pelo meio social em que se desenvolve, mas também o marca. . (BRASIL, 1998, vol. 3, p.21)

A criança ao estabelecer interações com as pessoas e o meio em que vive estará construindo seu conhecimento e ampliando suas hipóteses sobre o mundo. De acordo com os RCNEI:

As instituições de educação infantil devem favorecer um ambiente físico e social onde as crianças se sintam protegidas e acolhidas, e ao mesmo tempo seguras para se arriscar e vencer desafios. Quanto mais rico e desafiador for esse ambiente, mais ele lhes possibilitará a ampliação de conhecimentos acerca de si mesmos, dos outros e do meio em que vivem. (BRASIL, 1998, vol.3, p.15)

As artes visuais desenvolvem o pensamento, a percepção, a sensibilidade, a imaginação e o lado artístico de cada criança. Compreender a metodologia no ensino de artes pode influenciar o desenvolvimento criativo da criança. A educação artística na educação infantil não pode ser caracterizada pela imposição de atividades já prontas, nas quais as crianças devem ser reprodutoras, e pensando nisso, assumindo a fragilidade de professora generalista, decidi começar minha sequência didática, em sintonia com os RCNEI:

O trabalho com as Artes Visuais na educação infantil requer profunda atenção no que se refere ao respeito das peculiaridades e esquemas de conhecimento próprios a cada faixa etária e nível de desenvolvimento. Isso significa que o pensamento, a sensibilidade, a imaginação, a percepção, a intuição e a cognição da criança devem ser trabalhados de forma integrada, visando favorecer o desenvolvimento das capacidades criativas das crianças. No processo de aprendizagem em Artes Visuais a criança traça um percurso de criação e construção individual que envolve escolhas, experiências pessoais, aprendizagens, relação com a natureza, motivação interna e/ou externa. (BRASIL, 1998, vol.3, p. 91).

Cheguei à UMEI São João Batista cheia de expectativas para meu primeiro encontro como pesquisadora em artes visuais. Para este encontro decidi propor um desenho com interferência de tinta e bolinhas de gude em material reciclado. Antes de começar fiz uma roda com as crianças, comecei minha sequência didática com a turma de dois anos e as convidei a explorarem o material que iríamos utilizar: tampas de embalagens de pizzas (todas usadas e limpas em uma pré-produção), guache de cores variadas (amarelo, azul, vermelho, verde, laranja, rosa e branco) e bolinhas de gude. Todos estavam bem curiosos, menos o B. A., que preferiu ficar deitado no tapete observando de longe o que acontecia. B. A. foi diagnosticado no começo deste ano com Transtorno do Espectro Autista. Esta turma é muito falante, fizeram muitas perguntas sobre os materiais apresentados: *“você comeu esse tanto de pizza?”* perguntou M., o J. G. respondeu: *“vai ficar forte e barriguda!”*. Conversamos também sobre as cores; mostrei primeiro como elas mudam se misturadas, foi um espanto total: *“olha gente, mudou tudo!”* disse L. toda empolgada.

A M. F. estava tão atenta a tudo que falávamos que nem bagunça fez, participou da roda e aproveitou; M. F. é portadora de Síndrome de Down e é muito inquieta.

As bolinhas de gude foram um sucesso, coloquei-as em uma bolsinha fechada, fiz barulho para que eles adivinhassem ou imaginassem o que estava lá dentro: *“É um bicho”, “o lobo mau”, “pedrinhas”,* haja imaginação! E para meu espanto e surpresa as crianças não deram trabalho algum, pois fiquei com medo que elas colocassem as bolinhas na boca, mas deu tudo certo. Decidi preparar as tampas das caixas de pizza com as tintas; na lista de materiais que requisitei, havia pedido dezesseis colheres para que as próprias crianças separassem as tintas, mas, infelizmente, só me foi cedido uma colher. Pinguei uma colher de cada cor em cada caixa e entreguei para as crianças, alguns passaram o dedinho, uma lambeu a tinta (Que corre-corre pra lavar a boca!), outros só olharam.

Depois desta etapa distribui as bolinhas de gude e aguardei para ver o que acontecia, e para minha surpresa, eles não fizeram nada! Ficaram aguardando que eu falasse com eles, como se aguardassem meu comando, então, inventei uma música na hora que dizia assim: *“roda bolinha e mistura a tinta assim, balança pra cá, balança pra lá e uma nova cor aparecerá!”*.

Nesta hora, até o B. A. que ainda estava no cantinho dele, levantou e começou a se interessar, aproximou-se, mas ainda não quis participar. E realmente, cores novas foram surgindo... E as carinhas curiosas foram se transformando em carinhas felizes e encantadas. Neste momento B.A. se aconchega na roda, próximo a mim e pega a caixa de pizza destinada a ele, e bem devagarzinho interage com a turma!



Figura 2 e 3: As bolinhas de gude
(fonte: arquivo pessoal)

Para nosso segundo encontro da sequência didática, propus o desenho com caneta e tinta sobre o americano cru: pensei na questão do reaproveitamento dos retalhos; pois havíamos preparado alguns painéis para enfeites da festa junina que aconteceria na UMEI nos próximos dias.



Figura 4: Riscos e rabiscos
(fonte: arquivo pessoal)

As crianças gostaram de trabalhar com este suporte, pois ainda não haviam experimentado desenhar sobre tecido. Utilizamos também as canetas para desenho em tecido. A princípio, minha ideia era produzir bolsas com os tecidos desenhados pelas crianças, mas em uma das aulas de orientação a professora Marina me sugeriu que utilizasse os tecidos desenhados para trabalhar a teatralidade com as crianças, e o resultado foi incrível.



Figura 5 e 6: Brincando com cordões e pregadores
(fonte: arquivo pessoal)



Figura 7 e 8: Teatralidades

(fonte: arquivo pessoal)

Esses pequenos retalhos desenhados e pintados se revolveram em horas de brincadeiras e encantamentos. Os retalhos de pano desenhados e pintados por eles se transformaram em saias, bonecas e até personagens surgiram; J. G. disse: *“sou uma velhinha, muito velhinha!”*.

No meu terceiro encontro na sala de dois anos usamos o desenho com interferência no papel 60 kg A4. Trabalhar desenhos com interferência é uma atividade frequente na Educação Infantil, mas apenas com crianças de quatro e cinco anos, por isso resolvi levar esta experiência para a turma de dois anos.

Cortei em papel colorido alguns círculos (uma figura que eles reconhecem) e coleí no suporte escolhido, o papel 60 kg A4. Entreguei as folhas para as crianças juntamente com as canetas coloridas. Algumas crianças começaram a desenhar e nem perceberam (ou se perceberam, não manifestaram) que havia uma figura colada na folha, outras perguntaram o que era, e uma pequena parte das crianças desenhou utilizando a figura colada como parte integrada da folha, fez seus desenhos complementares à figura colada. Assim como afirma o RCNEI em BRASIL (1998):

Por meio de diferentes gestos em um plano vertical (ou pelo menos inclinado), a criança aprende a segurar corretamente o giz e o lápis. Para que a criança adquira um traço regular, precisará trabalhar com certa

rapidez, sobre uma grande superfície colocada a sua altura. A criança que não domina bem seu gesto será solicitada a trabalhar, sobretudo, com o ombro e o cotovelo: fará então desenhos grandes. Somente mais tarde, quando os movimentos altura do ombro e do cotovelo tornarem-se desenvolvidos, faremos diminuir as proporções dos desenhos, exigindo assim da criança um trabalho mais específico do punho e dos dedos. (BRASIL, 1998, VOL. 3, p. 106).



Figura 9: Quando a imaginação toma forma
(fonte: arquivo pessoal)



Figura 10 e 11: Desenho com interferência
(fonte: arquivo pessoal)

O desenho no chão usando giz colorido de quadro negro foi a proposta para nosso quarto encontro. Trabalhar com o giz colorido de quadro negro na parte externa da UMEI proporcionou às crianças uma experiência de liberdade: sair da sala de aula, ficar ao ar livre e ainda por cima juntar duas coisas que elas gostam muito, brincar e desenhar, foi uma experiência muito produtiva. Nesta UMEI a área externa é

pequena, e as turmas de integral têm que dividir o parquinho e esta área com 340 crianças em média, durante o decorrer do dia.

Percebi que, apesar do espaço estar livre para elas naquele momento, as crianças optaram por brincarem juntas, todas no mesmo corredor e “aglomeradas”, perto uma das outras.



Figura 12: Espacialidades
(fonte: arquivo pessoal)

A partir do quinto encontro, segui a sequência didática proposta com a turma de um ano, e para esta sequência didática: textura em lixa e giz de cera.

Quando cheguei à sala de um ano, sentei com as crianças no tapete e contei para elas uma história inventada por mim. Nesta história havia um menino chamado Pedro que era muito cuidadoso e amoroso com a natureza (já que o tema norteador do trabalho proposto pela UMEI para 2015 é Meio Ambiente). contei a eles que Pedro, juntamente com seus pais, cuidava do local onde morava, enfatizando assim, a necessidade do cuidado com o meio ambiente desde pequenininho. Depois conduzi as crianças até as mesas, onde já havia colocado as lixas finas e gizões de cera em potes plásticos.

Com dedicação e estímulo, as crianças foram aceitando a tarefa e se “empenharam” mais, talvez por ser uma atividade complexa. Esta turma teve grande troca de professores no decorrer do ano e perderam suas referências: são crianças inquietas.



Figura 13: Descobrimo novas texturas
(fonte: arquivo pessoal)

E por isso fiquei surpresa com a reação das crianças! O momento artístico foi lindo e os desenhos maravilhosos: rabiscos e garatujas artísticas!



Figura 14, 15, 16 e 17: Garatujas artísticas
(fonte: Arquivo pessoal)

A pintura na parede de azulejo usando as mãos foi a experiência escolhida para meu sexto encontro, ainda com a turma de um ano. Esse encontro da sequência didática foi uma das atividades que mais se destacaram, as crianças puderam pintar de corpo inteiro. Iniciei essa atividade colocando tinta guache, não tóxica, de cores variadas e em vários recipientes inquebráveis. Então expliquei o nome das cores por meio da música: As Cores - Barney e seus amigos/ desenho infantil¹. Depois de cantarmos esta música, convidei as crianças a desenharem no painel azulejado, usando os dedinhos, as mãozinhas ou pincéis colocados à disposição, mas poucos usaram o pincel. A maioria afundava a mãozinha na tinta e passava no painel. Alguns balançavam a mão na tentativa de limpá-la, pois ficavam com “gastura” da mão ensopada de tinta. Foi uma meleca só!

A partir do sétimo encontro da sequência didática, desenvolvi as seguintes atividades no berçário: desenho com giz de legumes em papel sulfite A3 branco e pintura com mingau e corante comestível.

Seguindo e me apropriando das sugestões do professor Aroldo Dias Lacerda², pré-cozinhei dois tipos de legumes, beterraba e cenoura, cortei em cubos maiores, como se fossem um gizão de cera, proporcionais às mãozinhas dos bebês. Coloquei os bebês sentados no chão e distribui os “cubos coloridos de legumes” em recipientes inquebráveis e as folhas de papel sulfite A3. Então, alguns bebês pegaram um bastão, outras pegaram mais de um e começaram a raspar o gizão de legumes no papel sulfite A3.



Figura 18 e 19: cores e sabores
(fonte: arquivo pessoal)

¹FONTE: www.vagalume.com.br/barney-e-seus-amigos/as-cores.html

²Aroldo Dias Lacerda: Desenhante, professor no Colégio Rudolf Steiner de MG e na Universidade FUMEC. Graduado pela EBA/UFMG e Mestre em Educação pela FaE/UFMG. Professor da disciplina de arte do DOCEI/UFMG.



Figura 20, 21, 22, 23 e 24: Para além da experimentação
(fonte: arquivo pessoal)

Os bebês perceberam que os gizões de legumes tinham um sabor gostoso após colocarem na boca, alguns comeram o gizão fazendo “caretinhas” engraçadas e voltaram a passar o gizão no papel fazendo algazarra. Foram momentos muito especiais e significativos para todos, numa criação artística de cores, alegria e sabores.



Figura 25: Diversão e arte
(fonte: arquivo pessoal)

Por último, em uma pré-produção, fiz um mingau com água e amido de milho e armazenei em três vasilhas plásticas, pinguei gotas de corante comestível, em cada

pote uma cor diferente, nas cores: amarela, verde e vermelha. Neste encontro, coloquei as vasilhas no chão, em cima do tecido americano cru, onde os bebês pudessem ter facilidade para manusear o mingau colorido, todos estavam apenas de fraldas. Os bebês ficaram observando as vasilhas com o mingau colorido. Alguns enfiaram os dedinhos e lamberam. Outros sujaram as mãozinhas e passaram nos colegas. Convidei para que passassem as mãozinhas sujas do mingau no tecido que forrava o chão, fiz o primeiro movimento. Alguns bebês repetiram o movimento, passando as mãozinhas em diferentes direções no tecido, sentaram e rebocaram-se à vontade. Foi um momento socializador e descontraído.

Ao término da sequência didática, pude perceber que a educação aliada ao ensino das Artes Visuais me auxiliou a identificar um melhor desenvolvimento criativo e estético das crianças menores e revelou a sua importância para que as crianças vivenciassem experiências e ampliassem o conhecimento em suas produções artísticas. A arte nos proporcionou um encantamento nas suas variadas formas, nos possibilitando a experimentação de novos saberes.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pesquisa realizada sobre o tema, percebi o quanto é importante trabalhar as Artes Visuais na Educação Infantil, por possibilitar o desenvolvimento de várias habilidades, entre elas a criatividade, a oralidade, a própria escrita e o movimento corporal. Por meio das observações feitas durante a realização da sequência didática, ratifico que o ensino das artes visuais é um fator essencial e contribui para o aprimoramento cognitivo, psicomotor, imaginativo e afetivo das crianças, bem como para a construção de conhecimentos de forma criativa e prazerosa.

Diante das questões apresentadas nesta pesquisa assevero que a discussão sobre o ensino da arte na Educação Infantil é válida, como vem sendo debatida por vários autores e professores. Está claro que o ensino das artes visuais na Educação Infantil deve ser analisado e reestruturado, principalmente no que se diz respeito à formação dos professores. Nesta fase, muitas vezes, os educadores não tem formação na área e devem buscar metodologia para a aplicação desta disciplina. A valorização do ensino das artes visuais como atividade é importante para o desenvolvimento social, físico, intelectual, emocional, estético, perceptual e criador da criança.

Percebo que a presença das Artes Visuais na educação auxilia a percepção, amplia o vocabulário, estimula a memória e a inteligência, relacionando-se ainda com habilidades linguísticas e matemáticas, ao desenvolver procedimentos que ajudam as crianças a se reconhecerem e a se orientarem no mundo.

As atividades de Artes Visuais favorecem a inclusão de crianças portadoras de deficiências. Pelo seu caráter lúdico e de livre expressão não apresentam cobrança de resultados, talvez uma forma de aliviar e relaxar a criança: auxiliando na desinibição, contribuindo para o envolvimento social, despertando noções de respeito e consideração pelo outro e abrindo espaço para novas aprendizagens.

As Artes Visuais podem ser um elo entre a escola e as famílias das crianças. Pais bem orientados podem garantir experiências significativas ao incentivar a criança às vivências de trabalho com o potencial criador e imaginativo que ela possui.

Percebi que outro fator importante é a espacialidade onde serão desenvolvidas estas atividades. Seria interessante que as escolas pensassem num ambiente planejado, no qual os alunos tivessem à sua disposição, diversos materiais para explorar as linguagens artísticas. Todos estes aspectos podem ser explorados através de pesquisas de observação, acompanhamento nas aulas de arte nas escolas de Educação Infantil e nos ateliês livres, colhendo materiais e informações que revelem as diferenças quanto ao ensino e o desenvolvimento cognitivo das crianças. Em algumas situações as artes visuais são apenas utilizadas em fins de comemorações, ou não aparecem no planejamento como deveria. Assim como é sugerido pelo RCNEI em BRASIL (1998):

É possível organizar ateliês, que são espaços específicos e próprios para a realização de diferentes atividades em Artes Visuais. Nesses ateliês, os materiais devem ficar constantemente acessíveis às crianças, em prateleiras, estantes, caixas etc., de forma a permitir a livre escolha. É necessário também que haja lugar para a secagem dos trabalhos, sejam eles pinturas ou objetos tridimensionais. A presença de torneiras e pias é fundamental para a lavagem de pincéis, brochas e outros tipos de materiais, assim como as mãos, rostos etc. (BRASIL, 1998, vol. 3, p. 111)

Um dos motivos alegados por não utilizarmos esta disciplina com a frequência adequada é porque não possuímos a formação na área. Contudo, é preciso salientar que a arte na Educação Infantil significa o aprimoramento do trabalho com a linguagem corporal, além da exploração de variados suportes e objetos, do desenvolvimento e potencialização cultural da criança. O ensino das artes visuais nas escolas de Educação Infantil não visa à formação de artistas, mas oferece, através da vivência e da compreensão da linguagem artística, uma contribuição para a formação integral do ser, como previsto nos documentos curriculares.

Por meio desta pesquisa de campo, procurei mostrar que as diversas áreas do conhecimento podem ser estimuladas com a prática das artes visuais, pois trazem em sua essência a expressão de sentimentos, ideias, valores culturais e comunicação do indivíduo consigo mesmo, com o outro e com o meio em que vive.

Assim sendo, percebi que as artes visuais, quando trabalhada desde cedo no contexto escolar das crianças, proporcionam de maneira lúdica e prazerosa o aprendizado e o trabalho em equipe, fazendo-se necessária a sensibilização dos

educadores para despertar a conscientização das inúmeras possibilidades que esta disciplina oferece para o crescimento do saber das crianças menores.

Pretendo aprofundar mais sobre a riqueza do assunto, buscar capacitação e aperfeiçoar-me na área.

REFERÊNCIAS

BESSA, Marylda. **Artes plásticas entre as crianças**. 3 ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1972.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 9394, de 20 de dezembro de 1996.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Conhecimento de Mundo**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Ministério da Educação e o Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, vol.3, 1998.

DALAZOANA, S. C.; NUNES, Ana Luiza Ruschel. **Desenhar se aprende desenhando**. In: XXII CONFAEB Arte/Educação: Corpos em Trânsito, Instituto de Artes / Universidade Estadual Paulista, 2012.

Disponível em: <http://faeb.com.br/livro03/Arquivos/comunicacoes/383.pdf>

Acesso em: 05/10/2015

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não. Cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Editora Olhos D'Água, 1997.

GOBBI, Márcia. Lápis vermelho é de mulherzinha: desenho infantil, relações de gênero e educação infantil. In: **Pro-Posições**, Campinas-SP, vol. 10, nº 1 (28), p.139 – 156, março, 1999.

GOBBI, Márcia; LEITE, Maria Isabel. O desenho da criança pequena: distintas abordagens na produção acadêmica em diálogo com a educação. In: **Reunião anual da ANPED**, 1999, Caxambu MG.

Disponível em: <HTTP://www.ced.ufsc.br/~nee0a6/LEITE.pdf>

Acesso em: 2 out. 2015.

HARTMANN, Luciana; VELOSO, Graça (orgs). **O teatro e suas pedagogias: práticas e reflexões**. Brasília: Editora da UnB (no prelo).

LACERDA, Aroldo Dias. **Por que as crianças param de desenhar quando vão para a escola?** In: *Anais do Colóquio sobre questões curriculares & VI Colóquio Luso Brasileiro de Currículo*. Belo Horizonte, setembro, 2012.

MACHADO, Marina Marcondes. In: Formação, Experiência e Criação: curso Educação Infantil: Infância e Arte. **Arte, Fenomenologia e Infância**. Belo horizonte, 2014.

MACHADO, Marina Marcondes. **A criança é performer.** In: *Educação & Realidade*, Porto Alegre, nº 35(2), p.115-137, maio/ago, 2010.

MONTEIRO, Adriana Torres M. **O que a criança desenha, quando desenha a casa?** In: *Paidéia, revista da Univ. Fumec*, Belo Horizonte, Ano 7, n.9, p.43-58, jul/dez 2010.

SEBASTIANI, Márcia Teixeira. **Fundamentos teóricos e metodológicos da Educação Infantil.** Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2008.

VIANNA, M^a Letícia Rauen. **Desenhos estereotipados: um mal necessário ou é necessário acabar com este mal?** In: *Revista ADVIR*, nº5, Ass. Doc. UERJ, abril de 1995.